

Evolução Económica

I — por

Homens e mulheres constituindo uma biocenose (sociedade de animais em que há inter-acção e inter-dependência) esforçam-se por viver procurando tubérculos, raízes, frutos, sementes, mel das abelhas selvagens, mariscos, insectos, ratos, lagartos e tartarugas para sua alimentação. Formam reduzidos agrupamentos de algumas famílias—as hordas, divagando nas florestas ou nas estepes dispersos pelo mundo. Todo o dia é consagrado à procura de sustento e quando a noite chega abrigam-se nas cavernas ou sob entrançamentos cobertos com folhas e dispostos nos lugares mais recônditos. Cada um procura angariar o maior número de bens aumentando a soma de produtos nutritivos para toda a horda. Cada um é uma unidade económica agindo independentemente dos outros, mas contribuindo todos para o sustento de todos. Os bens são repartidos não em relação ao que cada um apanhou mas tendo apenas em conta a distribuição equitativa por cabeça. A única divisão é baseada nos sexos (economia sexual)—os homens dedicam-se aos trabalhos que exigem mais decisão como a caça, e as mulheres cuidam dos filhos, colhem os alimentos vegetais, cozem-nos e transportam a prole e a reduzida utensilagem (instrumentos de madeira e de pedra).

O aperfeiçoamento das armas leva os homens a caçarem animais mais corpulentos que fornecem maior quantidade de carne, e a pescarem.

Toda a vida social se baseia portanto na colheita de alguns produtos vegetais nascidos espontaneamente, na caça e na pesca.

Desta fase económica há ainda hoje representantes como os Pigmeos nas florestas do Congo, os negrinhos de Malaca, das Filipinas, das ilhas Amjáman e da Nova Guiné; os Vedas de Ceilão e povos afins de Malaca e da Índia; os Macucos e Botecudos do Brasil e outros mais.

Os alimentos e as manifestações culturais fundadas nas características da sua vida económica variam de região para região embora os seus traços gerais sejam os mesmos. Assim os vedões de Malaca são essencialmente vegetarianos, a sua vida depende da recolha de certas plantas, ao passo que os Boxismaucos na zona do Kalahari são eminentemente caçadores pois aí as plantas são raras.

Em lugares onde certa espécie vegetal ou animal se encontra em abundância, a cozinha conta quasi unicamente com ela.

Como exemplos o dos índios das pradarias na América do Norte entre os quais a caça ao búfalo constitui a fonte de toda a economia, servindo à alimentação e à produção de tecidos, fatos, armas e objectos para uso doméstico. Os alimentos vegetais destinados a contrabalançar a alimentação excessivamente azotada que o uso exclusivo da carne fornece, são colhidos pelas mulheres e crianças.

Os índios da costa ocidental do Canadá têm uma economia baseada na pesca do salmão, o que os levou a fixarem-se em certos lugares junto dos rios, tornando-se sedentários.

A vida económica dos índios da Califórnia baseia-se na recolha da bolota que está indistintamente a cargo de homens, mulheres e crianças. A riqueza vegetal da região determinou certos progressos como sejam a construção muito apurada de objectos de pedra e o fabrico de cestos. No inverno tornam-se sedentários e realizam trocas de produtos entre os povoados.

Em certos meios geográficos mais ricos e benéficos as conquistas da Humanidade sobre a Natureza puderam acumular-se aumentando assim a sua independência. Não se procuram apenas os elementos naturais mas intervem-se auxiliando a Natureza em certos caminhos e contrariando-a noutros com o fim de aumentar o número de provisões tanto por meio do cultivo de plantas como da domesticação e criação de animais. Entra-se então na fase de Economia Produtiva em que vivemos.

As sociedades humanas durante as suas migrações, as mulheres principalmente porque eram elas que se dedicavam à colheita, observaram que destruindo as plantas daninhas que cercavam uma outra aproveitável ou cortando o mato em torno duma árvore para verem onde caíam os frutos quando os homens abanavam os seus ramos, as plantas que ficavam isoladas se desenvolviam mais rapidamente. Nalguns lugares, como ainda actualmente na Austrália ocidental, as mulheres arrancam uma planta, colhem dela o que é aproveitável e enterram-na de novo para assim voltar a frutificar e a pro-

duzir novos tubérculos. Estas observações e outras semelhantes foram as premissas de todo o desenvolvimento ulterior. Logo que se teve conhecimento de que as sementes deitadas à terra e sob certas condições germinavam e produziam uma planta idêntica àquela de donde se extrairam, estava adquirida a base teórica para a cultura.

Na China do Sul, na Indo-China, na Índia do noroeste, no Turquestão, na Mesopotâmia, na bacia do Mediterrâneo, na Nova Guiné, na Nova Zelândia, na África do sul, na Abissínia, no Mato Grosso, no sudoeste da América do Norte, na Flórida e no Texas, e na região andina da Colômbia, do Perú e da Bolívia e na Guatemala apareceu em épocas distintas, nalguns casos afastadas de alguns milhares de anos, o cultivo a pico, a enxada ou a enxadao.

Nas regiões de pouca vegetação como na América do Norte cultivam-se cereais como o milho ou o arroz selvagem e nas selváticas, tubérculos como a mandioca venenosa no coração do Brasil.

O sedentarismo é determinado pela necessidade em manter as espécies cultivadas livres das outras que lhes são prejudiciais e que nas regiões inter-tropicais crescem rápida e exuberantemente. Para isso é da maior conveniência que os cultivadores vivam próximo das terras; ainda pelo facto de as novas sementeiras se fazerem perto das antigas e cada área onde se procederá a uma série de cultivos sucessivos permanecer em exploração durante anos a fixação à terra dura enquanto os terrenos forem cultivados, enquanto a espécie plantada frutificar nesses terrenos.

O sedentarismo, embora ainda não definitivo, facilita já a domesticação e criação de pequenos animais como cães, porcos e galinhas (apenas na Índia até ao século IV antes de Cristo). E a raridade das migrações torna útil o estabelecimento de certas indústrias como a fição, a tecelagem e a cerâmica, quasi sempre a cargo das mulheres. Os homens limitam a sua actividade à pesca e de vez em quando à caça.

Nesta fase da economia é a mulher o elemento predominante na sociedade, a ela se deve o aumento da produção, a armazenagem de alimentos que não são logo consumidos, e consequentemente uma vida mais segura. É precisamente por isso que em quasi todos os povos que viveram ou vivem ainda neste período económico, a sua organização social se baseia no matriarcado, e nas excepções como em África, a causa da transformação foi importada da organização social de outros povos que com eles entraram em relações como os árabes.

Mas o cultivo de todas as plantas necessárias à alimentação e à indústria não pode confinar-se a um terreno porque as propriedades geológicas destes variam e os meios de valorizar as terras não eram ainda conhecidos, numas zonas encontravam-se certos objectos de trabalho que noutras não existiam. A fixação ao solo impede durante todo o tempo da sua duração que os cultivadores se desloquem em demanda dos artigos de que carecem como o faziam nos tempos de nomadismo; estabelecem para isso relações com as comunidades mais próximas que vivem nos lugares onde se encontram os objectos cobiçados, e trocam-nos por outros que faltam àquelas; nasce assim o comércio natural e com ele a noção de valor de troca.

Os clans associam-se pois de tempos a tempos numa grande comunidade económica e mercantil (autoeconomia mais ampla com uma só unidade económica). A última consequência (última apenas na enumeração porque todas elas são igualmente importantes) foi o aparecimento da escravidão. O maior número de actividades que tinham de enfrentar-se: preparar os campos, semear, tecer, fiar, fabricar a louça, tratar dos animais domésticos, além das que já existiam, como construir as habitações, as armas, colher, cozinhar, cuidar dos filhos, caçar e pescar, levou a nova divisão do trabalho, à formação de classes sociais; os chefes nomeados pela colectividade e que são apenas coordenadores do trabalho que vai pendendo o seu aspecto independente e se encadeia na série da actividade geral (excepto em África onde o chefe é o patriarca com direito à posse de várias mulheres e proprietário de escravos), os magos, os jovens como classe

Evolução Social

H. LOBO

economicamente activa e os escravos, prisioneiros de guerra sobre quem pesa a maior parte dos trabalhos. O escravagismo não é no entanto um caracter geral desta fase económica.

Algumas das regiões que indiquei como locais onde se praticava o cultivo a enxada não se devem considerar lugares de origem do trabalho dos campos (por exemplo a Melanésia como a Nova Guiné, onde se cultivam ainda a pico tubérculos como o inhame e o taro) mas apenas como lugares abrangidos pelas áreas de dispersão que se alastraram a partir dos focos e que, em virtude do seu isolamento geográfico, se mantiveram até hoje nessa fase.

Vejam os pois se é possível, uma vez conhecidos os sitios onde certas espécies vegetais apareceram, determinar os berços do cultivo e depois comprovar essas deduções à luz da História.

As zonas que se estendem ao longo dos trópicos e subtropicais são precisamente as mais ricas em espécies vegetais herbáceas a que pertencem entre outras os cereais. Aí as montanhas são lugares privilegiados para o estabelecimento do homem tanto pelo clima, menos húmido e quente que nas planícies, como pela riqueza da flora que embora não atinja as dimensões que a caracterizam nos lugares cobertos pela selva mantém no entanto uma grande variedade onde predominam as herbáceas.

Em face dos resultados colhidos pelos estudos minuciosos e definitivos a que procederam em todo o mundo missões de geobotânicos russos, podemos determinar sete focos de origem das espécies vegetais cultiváveis.

São eles a Ásia do sudoeste compreendendo o planalto da Anatólia, a Transcaucásia, a Mesopotâmia, a Pérsia, o Afeganistão, o Turquestão e o Pendjab de onde são oriundos o centeio, o linho, o trévo pereira, a macieira, a pereira, a romelira, o marumeleiro, a cerejeira, a vinha, o milho comum, o painço comum, o trigo mourisco e muitas outras árvores de fruta hoje espalhadas em toda a Europa.

O outro foco é constituído pelo Indostão, o Decão e a Birmânia. De aí proveem o arroz, o assucar, o algodão asiático, as margas e outras frutas dos trópicos.

A China central e oriental montanhosa forma o berço das couves chinesas, dos rabanetes, dos citros, pécegos, ameixas, do chá e da amoreira.

Na região montanhosa que envolve todo o Mediterrâneo surgiram a oliveira, a alfarrobeira, a figueira, as lentilhas, as ervilhacas e o trévo.

A Abissínia é muito rica em espécies autóctonas como o trigo em muitas variedades, a cevada e talvez o milho da Guiné ou durra (a planta panificadora mais importante de toda a África), o café, o linho e as oleaginosas.

O Yucatão, a Guatemala e as Honduras são a pátria do trigo americano, do algodão superfino, do cacão, do agave (uma das mais importantes plantas fibrosas têxteis), das abóboras, das favas e das papaias.

E nos Andes do Perú e da Bolívia nasceram a batata, a chinchona, a coca e outras variedades de trigo.

Ora foi entre as montanhas, nos lugares acima indicados, que os primeiros núcleos humanos, aí por 12.000 A. C. na região Mediterrânea, Abissínia e do Próximo Oriente semearam algumas das espécies vegetais que até então apenas tinham colhido. Assim apareceu a cultura a enxada que já conhecemos.

Esses bandos que eram ainda clans, senhores dos meios de produção e disfrutando em comum a posse dos bens, foram-se tornando mais populosos e desceram ao longo dos vales no fundo dos quais corriam rios. Os primeiros deslocamentos nesse sentido fizeram-se ao longo dos rios que vieram a alimentar as primeiras civilizações históricas: o Nilo, o Eufrates, o Tigre, o Indus, o Yang-Tsé-Kiang e o Huang-ho.

Do Maciço Arménio e do Indo-Cuche devem provir as populações sedentárias da Mesopotâmia, da Anatólia e do Pendjab, que influíram por sua vez na civilização do vale do Nilo.

Na Índia é o estabelecimento dos sedentários na região montanhosa do noroeste o início da sua história que

depois influíu culturalmente na Birmânia, a Indo-China e a Malásia, e daqui toda a Polinésia.

Na China central se estabeleceram os primeiros sedentários cuja cultura foi depois assimilada por mongoloides que se distribuíram ao longo do Rio Amarelo e depois do Rio Azul e daí expandiram a sua civilização para a Coreia, o Japão, a Indo-China e as Filipinas. Os Miao-Tsé, os Lolo e os Limu, povos de ascendência não mongol que vivem no interior da China devem ser os representantes actuais dos primitivos sedentários das montanhas.

Na bacia do Mediterrâneo formaram-se os primeiros estabelecimentos de cultivadores em Marrocos, na Ásia Menor, nos Alpes, na Fenícia e no litoral da Palestina.

A Abissínia, um dos mais antigos centros de cultura depois do Próximo Oriente contribuiu com este para a formação da civilização egípcia, e levou a sua cultura à Arábia e a toda a África central e do sul.

Nas montanhas da Guatemala e no planalto mexicano se constituíram as primeiras comunidades agrícolas que depois se estenderam para as planícies e destas para a península do Yucatão cujo isolamento foi inicialmente favorável à continuação da confederação maia.

E finalmente nos planaltos do Perú e da Bolívia se formou a civilização dos Incas.

Nalguns lugares, condições excepcionais do meio aliadas ao aumento da densidade de população levaram os homens a escalar mais um degrau na história da economia, entrando na fase da horticultura. Para isso houve que aumentar a soma de conhecimento para utilizar os mesmos terrenos.

Um dos berços da horticultura devia ter sido a Mesopotâmia. Daí se expandiu para o Egipto e para a Índia. Outro situa-se na China meridional e os outros dois respectivamente no Yucatão e nos Andes. Nestes lugares, portanto, o cultivo evoluiu para um método em que se utiliza o adubamento e a irrigação dos terrenos.

Os horticultores sedentários trabalham pequenas porções de terreno com enxadas, e valorizam-nos tornando-os aptos para sucessivos cultivos utilizando os adubos e a irrigação. Os adubos são fornecidos pelos homens e por alguns animais domésticos como porcos e cães.

O sistema de irrigação é um estímulo para o conhecimento da agrimensura e hidráulica e um dos incentivos mais decisivos no progresso do conhecimento da Natureza e na unificação política e formação do Estado, coordenador de toda a actividade e moderador de todos os impulsos que se exercessem contra os interesses da colectividade.

Têm então lugar novas divisões do trabalho, decréscimo do poderio social da mulher que é relegada para os trabalhos domésticos embora continue a ajudar o homem na faina do campo. O Patriarcado começa a afirmar-se. Aumento da indústria e do comércio que se realiza em lugares e épocas determinadas. A produção intensiva dos terrenos é o fim da horticultura e o fundamento de toda a vida social.

(Continuação da página cinco)

pagar as rendas das terras aos donos e se não tratarmos nada temos são cousas que tu bem conheces. Vitalina vê se vais botando por aí os olhos alguma terra que tu entendas porque sabes bem que o berdo para termos a bacia que é pouco. E estamos no tempo quase de elas se arrendarem.

Agora também te peço que me mandes dizer daí todas a nobidades as que tu souberes que aqui é sempre a mesma cousa tudo é pelho. Mandarásme dizer que tal estão por aí as nossas batatas se estão lindas ou se não que eu gosto de saber. Sementeiras de mi-

lho feijão batatas etc tudo explicado. Tratarás bem da nossa bacia dalhe de comer com fartura e mandame dizer que tal ela está que eu emndo gosto de a ver.

Nada mais saudades a toda a nossa família em geral ao meu pai minha mãe e manos ao meu mano Antonio e minha cunhada e a tua mãe etc. Mil beijinhos mil abraços em cada um dos nossos mentnos Agora tu de mim recebe o meu coração cheio de saudades deste teu marido que te ama e estima até à morte. Adeus até à tua respota que eu espero com ansiedade.

Quem sabes o mesmo J... D... C...